

AS COLLAGES DE HUMBERTO LEVY DE SOUZA

Humberto Levy de Souza¹ e Tais Beltrame dos Santos²

Humberto Levy de Souza, é um multiartista negro, nascido e crescido na Zona Leste de São Paulo, no distrito com o maior número de conjuntos habitacionais da América Latina, Cidade Tiradentes. Vive, desde 2014, na cidade de Pelotas, extremo sul do Rio Grande do Sul, onde formou-se em Artes Visuais Licenciatura, e hoje atua como professor do ensino fundamental da rede municipal. Atua também como produtor cultural de cursos relacionados à cerâmica. Levy possui uma produção artística instigante e experimental, que adentra à diversas linguagens, como cerâmica, desenho, grafitti, pintura, performance, audiovisual, fotografia e claro, collage. A abstração e a cidade; as frestas, buracos e abandonos; a efemeridade; e a brincadeira são traços de seus trabalhos, que oportunizam o estranhamento dos hábitos cotidianos e do próprio espaço. A postura política que adota é inerente ao seu estar no mundo, sempre atento e sonhador.

Levy, um colecionador por natureza, faz colagem de forma autônoma desde 2009, quando estava no ensino médio: “porque gostava das imagens e queria elas juntas”, mesmo sem saber formalmente de que se tratava de uma linguagem. Desde então coleciona páginas, figuras, recortes, xerox, livros, panfletos e o que mais puder servir para sua prática de arquivo. Diz ser, antes de um colador, um recortador, já que a busca, seleção e coleta de figuras é mais presente em seu cotidiano do que o encontro e a colagem propriamente dita. Uma collage de Levy pode demorar anos para que fique pronta, é um mapa aberto e também morada à espera dos motivos e encaixes que satisfaçam um sentido que nem sempre é explícito, até que seja. Levy cria collages para brincar e sonhar a linguagem. Monta, desmonta e remonta as figuras que coleciona, encontra e guarda.

Faz collage a partir da relação entre a imagem e o ser e na relação da cidade com as coisas que são deixadas para trás, entre elas as próprias imagens resgatadas. A colagem é um método aplicado em outras linguagens praticadas pelo artista, que desloca, em diversas situações, elementos residuais da cidade e de si mesmo, para compor seus trabalhos, com fornos cerâmicos, pinturas ou collages.

Para esse número, o artista preparou, especialmente, oito collages, que exploram a relação da produção e consumo da moradia na cidade: se plantamos concreto, colhemos o que? Como consumimos o espaço natural? Do plantio à cidade, do campo à mesa, da mesa à cidade, as provocações que surgem são diversas.

A atmosfera onírica das collages é tecida pela relação de escala entre as pessoas e a cidade. Nelas, as pessoas plantam urbanização e nobres mesas servidas de casas, favelas e edifícios preenchem as louças de porcelana, parecendo aguardar um consumidor que não é a pessoa que planta. O único consumidor que aparece nesse compilado é uma criança, que se alimenta de uma casa simples, como as desenhadas por crianças, servida em um prato duralex.

¹ Graduado em Artes Visuais pelo CEART/UFPeI (2019). Professor de artes do ensino fundamental na Rede Municipal de Pelotas.

² Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo PROPARI/UFRGS. Graduanda em Artes Visuais pelo CEART/UFPeI. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPeI (2021). Arquitecta e Urbanista pela FAUrb/UFPeI (2019).

Das oito, duas apresentam diferenças no significado, e não tratam explicitamente do tema do consumo, mas do controle. Em uma, servida entre os talheres está uma mesa de pessoas reunidas em volta de crianças que empinam pipas em uma favela. Em outra, o sentido é dúbio. Quatro trabalhadores seguram seus pincéis em uma esquina que emoldura uma cena de construção com terra, onde pessoas negras constroem em taipa, estariam eles fixando sua memória, ou prestes a apagá-la?

A diferença da qualidade das imagens, das cores, texturas e contextos das figuras deslocadas deixa pequenos rastros. O corte preciso da lâmina de bisturi complementa o olhar incisivo de Levy, que encaixa os ângulos e os detalhes das figuras, tornando elas legíveis, mas não óbvias. A distinção entre planos, ao menos no princípio, é embaçada e pede atenção.







